



O papel dos contextos e da polissemia na constituição histórica de novos juntores contrastivos

The role of contexts and polysemy in the historical development of new contrastive connectives

Luísa Ferrari

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

luisa-ferrari@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0384-4781>

Resumo: Este trabalho tem por objetivo investigar, em perspectiva longitudinal, o processo de constituição de construções de contraste com *agora* (português) e de construções de contraste com *now* (inglês) que expressam oposição semântica. À luz dos percursos de mudança atravessados por essas construções e de um quadro teórico que atribui à pragmática o papel de força motriz da mudança (TRAUGOTT; DASHER, 2002), busca-se reunir evidências do papel dos contextos e da polissemia no desenvolvimento de novos juntores contrastivos. Para tanto, desenvolve-se um estudo diacrônico dos contextos que fornecem condições para as mudanças de *agora* e de *now*, que atuam originalmente como advérbios temporais. Os resultados mostram, em conformidade com Traugott (2012), que, se o desenvolvimento de novos juntores envolve gramaticalização, e não apenas mudança de significado, têm papel chave contextos que aliam motivações para reinterpretação semântico-pragmática a motivações para reanálise categorial. Além disso, a análise diacrônica permite reconhecer um amplo conjunto de similaridades entre a trajetória de *agora* e a trajetória de *now*, apontando para a produtividade translinguística da fonte temporal como canal de derivação para significados contrastivos.

Palavras-chave: contextos; polissemia; contraste; gramaticalização.

Abstract: This paper aims to investigate, in a longitudinal perspective, the historical development of contrastive constructions with *agora* (Portuguese) and of contrastive constructions with *now* (English) that express semantic opposition. In the light of the

paths of change undergone by these constructions and of a theoretical framework that assigns to pragmatics the role of the chief driving force in change (TRAUGOTT; DASHER, 2002), the paper searches for evidence of the role of contexts and of polysemy in the development of new contrastive connectives. For this purpose, the research develops a diachronic study of contexts that provide conditions to the changes undergone by *agora* and by *now*, which are originally temporal adverbs. The results show, in accordance with Traugott (2012), that, if the development of new connectives involves grammaticalization, and not only meaning change, contexts that ally motivations for semantic-pragmatic reinterpretation and motivations for categorial reanalysis play a key role. Moreover, the diachronic analysis shows a great amount of similarities between the path of change undergone by *agora* and the path undergone by *now*, pointing to the productivity, across languages, of the temporal source as a derivation channel for contrastive meanings.

Keywords: contexts; polysemy; contrast; grammaticalization.

Recebido em 26 de março de 2019

Aceito em 04 de agosto de 2019

1 Introdução

Este trabalho¹ focaliza duas trajetórias de mudança, instanciadas em duas diferentes línguas, que partem de fontes temporais e dão origem a novos juntores² contrastivos, mostrando um conjunto de similaridades em seu desenvolvimento. Percorrem essas trajetórias os (originalmente) advérbios temporais *agora*, do português, e *now*, do inglês, que apresentam, no português e no inglês contemporâneos, uma complexa rede de polissemias, caracterizada pela coexistência entre os

¹ Este trabalho resulta de um projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), nas modalidades Bolsa no País/Mestrado (processo nº 2015/21358-6) e Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (processo nº 2017/01933-1). Parte dos resultados é também produto de um projeto de pesquisa em andamento, financiado pela FAPESP na modalidade Bolsa no País/Doutorado (processo nº 2019/01411-0).

² Por *juntores*, entendo conectores em geral, que podem ser membros de categorias gramaticais diversas, tais como conjunções propriamente ditas (coordenativas e subordinativas), perífrases conjuncionais, preposições e advérbios juntivos.

significados temporais primitivos e significados contrastivos.³ Tanto as relações contrastivas articuladas com *agora* quanto as articuladas com *now* podem expressar duas nuances: oposição semântica (baseada em predicados antônimos) e quebra de expectativa (fundada em conclusões direcionadas a orientações argumentativas distintas). Os exemplos (1) e (2), abaixo, ilustram os usos temporais de *agora* e *now*, respectivamente, e os exemplos de (3) a (6) ilustram os usos contrastivos, sendo (3) e (4) representativos do contraste por oposição semântica, e (5) e (6), do contraste por quebra de expectativa. As ocorrências⁴ foram extraídas de dados provenientes de textos falados e escritos do português e do inglês contemporâneos.

- (1) Mas eu gostaria de fazer referência para um trecho desta rodovia que inicia em São Ludgero, passa por Braço do Norte e se estende até a cidade de Gravatal, que se encontra numa situação caótica e desesperadora, estando desde 1994 somente com aquelas operações tapa buraco, que não adiantam para nada. E **agora** estão instalando somente neste trecho escalavrado duas lombadas eletrônicas que já se encontram em sua fase final de conclusão. (CAPH20-2/21)
- (2) His wife interested me somewhat: in face and in character she reminded me of one who **now** lies beneath the ground. (CACL19:1, 172)
A esposa dele me interessou um pouco: pela aparência e pelo caráter ela me lembrou de alguém que agora está debaixo da terra.
- (3) EU saio de(i)xo ele fala::n(d) num...num implico com ele **agora** as meninas já gostam de retrucá(r). (TFII20:2/21, 67, C1)

³ Também fazem parte do quadro de polissemias apresentado por *agora* e *now* usos em que os itens atuam como marcadores discursivos que sinalizam transição textual (cf. FERRARI, 2018). Em função dos objetivos deste trabalho, tais usos não são abordados aqui.

⁴ Para todos os exemplos do inglês apresentados ao longo do trabalho, proponho traduções para o português que buscam preservar o texto original o tanto quanto possível.

- (4) S2: You used to get all these reprint requests, they've all disappeared because of email and the rest of it?
 S1: Most people xerox stuff, **now** I get stuff from overseas.
 L2: Você costumava atender a todos os pedidos de reimpressão, eles todos desapareceram por conta do email e de tudo o mais?
 L1: A maioria das pessoas tira cópia dos materiais, agora eu os trago do exterior. (UNMI20:2/21)
- (5) L2: cê... acha que é...uma falta de interesse por falta dos homens...?
 L1: Eu acho que...
 L2: o que que é?
 L1: não... eu não sei...vai ver que os homens não tem um grande interesse ... olha nós temos...uhm...uhm..tem um (lado) mais feminino no Museu na verdade...**agora**...os diretores SEMpre foram homens... (TFCS20:2/21, C2, 251)
- (6) The bourgeoisie has created a world market, **now** it's not like people weren't trading across national boundaries before. Remember for example Marco Polo (...). (TFCM20:2/21, C2, 35)
 A burguesia criou um mercado mundial, agora não é que as pessoas não faziam comércio além das fronteiras nacionais antes. Lembrem por exemplo de Marco Polo.

Evidências empíricas de mudança, extraídas de diferentes línguas do mundo, mostram que tempo é canal de derivação produtivo para contraste (KORTMANN, 1997; MAURI; RAMAT, 2012). Partindo da hipótese de uma relação de derivação histórica entre os usos temporais e os usos contrastivos de *agora* e *now*, o objetivo deste trabalho é investigar, em perspectiva longitudinal, o processo de constituição das construções⁵ de contraste com *agora* e das construções de contraste com *now*, focalizando, neste texto, o desenvolvimento daquelas que expressam

⁵ Neste trabalho, entendo *construção* à maneira de Mauri e Ramat (2012, p. 5), que concebem construção como a associação de significados particulares a propriedades distribucionais, sem filiação à abordagem construcional da gramática. Ao falar em “construções com *agora* e *now*”, tenho em vista o pressuposto, assumido já nas obras clássicas sobre mudança gramatical (HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003), de que reanálises semântico-pragmáticas e morfossintáticas se dão no nível

oposição semântica. Assumindo um quadro teórico que concebe a pragmática como a principal força que instiga mudança (TRAUGOTT; DASHER, 2002), no sentido de que novos significados se desenvolvem a partir de inferências disparadas por arranjos contextuais específicos, o foco da investigação das mudanças semântico-categoriais atravessadas por *agora* e *now* está nos *contextos* que, fomentando *polissemia* entre tempo e contraste, dão condições para a emergência e contínuo fortalecimento do valor de oposição semântica e da função juntiva.

Assim, entendendo que elucidar o processo de constituição das construções em foco implica explorar os contextos em que esse processo se desenvolve, o objetivo principal do trabalho se desdobra em dois objetivos mais específicos: (i) explicitar fatores contextuais de natureza semântico-pragmática que fornecem condições, na história de *agora* e *now*, para a constituição gradual de relações de oposição semântica; (ii) explicitar fatores contextuais de natureza morfossintática que, aliados às condições semântico-pragmáticas, favorecem o trânsito categorial de advérbio para juntor, com consequências para toda a construção. Em conformidade com a perspectiva teórica de mudança assumida no trabalho, admito que a especialização de *agora* e *now* em duas nuances contrastivas (oposição semântica e quebra de expectativa) tem relação direta com a singularidade dos contextos de desenvolvimento, que favorecem determinada nuance e não outra, motivo pelo qual são focalizadas neste trabalho as trajetórias rumo à oposição semântica. Em busca das especificidades de cada desenvolvimento, dedicarei outro trabalho à investigação das trajetórias que dão origem às construções de quebra de expectativa com *agora* e *now*.

O interesse do trabalho pelas histórias de constituição de *agora* e *now* como jutores contrastivos tem em vista uma questão maior. Além da hipótese de derivação entre tempo e contraste, o trabalho também parte da hipótese de que, se a mudança se processa em contextos altamente específicos e se tanto o português quanto o inglês desenvolvem jutores contrastivos a partir de advérbios temporais similares, existem similaridades entre os contextos de desenvolvimento que atuam em cada língua. Tais similaridades podem fornecer evidências de regularidades no processo de mudança que dá origem a novos mecanismos de junção

da construção, dependendo de sua reconfiguração como um todo, e não apenas de alterações do item em mudança.

contrastiva. Nesse sentido, a questão maior perseguida pelo trabalho a partir da investigação da emergência das construções de contraste com *agora* e *now* está em reunir evidências do papel dos contextos e da polissemia no desenvolvimento histórico de novos juntores contrastivos, buscando respostas para três questões mais específicas:

- (1) De que modo os contextos condicionadores que atuam nos percursos de *agora* e *now* contribuem para o desenvolvimento de construções de contraste similares nas duas línguas?
- (2) Admitindo o peso da fonte para o gatilho e para os desdobramentos da mudança, no sentido de que não é qualquer significado temporal que habilita inferências de contraste, que aspectos de singularidade da fonte de mudança em cada língua são decisivos para a emergência do valor de oposição semântica?
- (3) Que estágios evolutivos se delineiam a partir dos contextos condicionadores em cada língua e que similaridades podem ser capturadas entre os estágios envolvidos em cada trajetória?

O texto está organizado em cinco seções. Na seção 2, apresenta-se o quadro teórico que fornece as bases da concepção de mudança e da concepção de contraste assumidas no trabalho. Na seção 3, é descrito o *corpus* de investigação e os procedimentos metodológicos da análise. Na seção 4, desenvolve-se a análise longitudinal, com a caracterização dos contextos de uso originais de *agora* e *now*, dos contextos de polissemia entre tempo e contraste e dos contextos exclusivamente contrastivos. Dados os objetivos e as questões do trabalho, a análise dedica maior atenção aos contextos polissêmicos. Na seção 5, são sistematizados os estágios de mudança de ambas as trajetórias investigadas, à luz dos contextos envolvidos. Por fim, são expostas as considerações finais, com a retomada das questões da pesquisa.

2 Fundamentos Teóricos

2.1 A perspectiva teórica de mudança

A investigação das mudanças que dão origem às construções de contraste com *agora* e às construções de contraste com *now* se fundamentará em uma perspectiva teórica de mudança que atribui à

pragmática o papel de força motriz do processo. A *Invited Inferencing Theory of Semantic Change* (IITSC, daqui em diante), conforme sistematizada em Traugott e Dasher (2002), busca explicar como se desenvolve a mudança semântica, admitindo que novos significados emergem primeiramente como significados pragmáticos *convidados* por contextos específicos. De acordo com o modelo da IITSC, esses contextos habilitam inferências do novo significado, que passam a coexistir com o significado original da construção em mudança, instaurando-se um cenário de polissemia entre significado fonte e significado alvo. Contexto e polissemia, portanto, são eixos centrais do modelo.

Ao dar destaque para o contexto e para a polissemia, a IITSC coloca em foco a *metonimização*, mecanismo de mudança através do qual material linguístico presente no contexto sugere significados adicionais e habilita sua contínua associação com os significados primitivos. Tal mecanismo opera na mudança de maneira complementar com o mecanismo de metaforização, que leva ao trânsito entre domínios conceituais, tendendo a partir de significados mais concretos em direção a significados cada vez mais abstratos. Uma vez que a compreensão dos processos metonímicos permite uma aproximação da gradualidade da mudança, o foco da IITSC, em virtude de seus objetivos teóricos, incide sobre tais processos. Neste trabalho, na medida em que se pretende reunir evidências do papel dos contextos e da polissemia na emergência de novos juntores contrastivos, também se dá prioridade aos processos inferenciais, de natureza metonímica, que contribuem para a emergência das novas construções de contraste.

Traugott e Dasher (2002, p. 7) argumentam que, na constituição de novos significados, o falante/escrevente tem papel proeminente, configurando-se no negociador principal de significados. Isso permite compreender o pressuposto central da IITSC de que as inferências de novos significados são inferências *convidadas*: são contextos específicos que convidam a inferências, e quem produz contextos, manipulando o material linguístico em função de suas intenções comunicativas, é o usuário da língua enquanto produtor de significados, e não como receptor. Nessa perspectiva, o modelo assume que o falante/escrevente evoca implicaturas e *convida* o ouvinte/leitor a inferi-las.

A IITSC prevê dois estágios principais para a mudança semântica: um estágio de *pragmatização*, em que inferências convidadas passam por um contínuo fortalecimento, e um estágio de *semantização*, em que

os significados antes inferidos ganham o primeiro plano dos sentidos, tornando-se independentes dos traços contextuais que lhes deram origem. O fortalecimento pragmático é essencial para a mudança, uma vez que inferências convidadas podem surgir e permanecer como implicaturas restritas aos contextos de uso em que emergiram (TRAUGOTT; DASHER, 2002, p. 35). Para se tornarem novos significados codificados, é preciso que ganhem saliência na comunidade linguística e que se espalhem para outros falantes/escrevintes e outros contextos linguísticos, passando, na terminologia da IITSC, a inferências convidadas generalizadas, de impacto pragmático maior.

A mudança linguística pode alcançar apenas o domínio do significado ou apresentar uma complexidade maior, ao afetar tanto o significado quanto a morfossintaxe e se desenhar a partir de uma conjugação de processos, configurando-se em instância de gramaticalização. Tendo em vista que as trajetórias de mudança aqui investigadas atravessam transformações tanto de forma (advérbio > juntor; soma-se a esse trânsito a reorganização de toda a construção de que *agora* e *now* participam) quanto de significado (tempo > contraste), este trabalho também se fundamenta no quadro teórico da Gramaticalização (BYBEE, 2010, 2015; HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), que se sustenta em pressupostos convergentes com a IITSC, tal como a atribuição de papel fundamental ao contexto.

Dada a importância do domínio contextual para a investigação de fenômenos de mudança, modelos de contextos são propostos em Heine (2002) e Diewald (2002). Tais modelos permitem operacionalizar a apreensão dos fatos de mudança, que não são discretos, de modo que fornecem instrumentos metodológicos para uma aproximação de *como* as mudanças ocorrem. Neste trabalho, conduzo a investigação à luz do modelo de Diewald (2002), por razões explicitadas ao longo da análise.

Tanto Heine (2002) quanto Diewald (2002) estabelecem uma correlação estreita entre tipos de contextos e estágios evolutivos, pensando essa correlação especificamente para processos de gramaticalização. Diewald (2002) prevê três tipos de contextos e sustenta que a gramaticalização atravessa dois tipos de estágios de polissemia, um em que há apenas condições para o novo significado e outro que alia as condições para o novo significado a condições para a mudança morfossintática. O primeiro tipo, que seria correspondente ao primeiro estágio da mudança, é denominado pela autora *untypical* e se caracteriza

por implicaturas conversacionais do significado alvo, que convivem em relação polissêmica com o significado fonte. O segundo tipo, denominado *critical*, é o que de fato dispara o processo de gramaticalização, na proposta da autora. Aqui as ambiguidades são tanto semântico-pragmáticas quanto morfossintáticas. Posteriormente, no estágio mais avançado do processo, surgem contextos *isolating*, em que o primeiro e o novo significado estão associados, enquanto valores semânticos distintos, a diferentes arranjos contextuais. Conforme o modelo da autora, quando se observa a especialização de contextos que excluem o significado fonte e de contextos que excluem o significado alvo, pode-se considerar que o processo de gramaticalização está completo (DIEWALD, 2002, p. 103).

Traugott (2012), ao discutir o papel dos contextos para a mudança linguística, reúne evidências, extraídas de estudos de caso do inglês, de que é particularmente importante, em processos de gramaticalização, a distinção proposta por Diewald entre dois tipos de contextos de polissemia. Segundo a autora, as inferências pragmáticas são fundamentais para o gatilho da gramaticalização, mas é esperado que elas estejam aliadas a mudanças estruturais, em conformidade com os contextos *critical* que Diewald propõe (TRAUGOTT, 2012, p. 243). Conforme discuto na seção de análise, contextos que agregam inferências do novo significado a condições favoráveis à reanálise categorial têm papel primordial para as instâncias de mudança investigadas neste trabalho.

2.2 A perspectiva teórica de coordenação e de contraste

As construções de contraste com *agora* e com *now*, conforme exemplificadas de (03) a (06) na seção anterior, configuram construções complexas que se aproximam de um modo coordenativo de composição. A identificação do estatuto coordenativo de construções não é óbvia e requer, na perspectiva teórica de coordenação aqui assumida, análise baseada em critérios sobretudo de ordem semântico-pragmática, que não será desenvolvida aqui, em função dos objetivos do trabalho. No entanto, como a análise dos contextos de polissemia favoráveis às mudanças investigadas envolve o pressuposto de que as construções de contraste com *agora* e *now* estão desenvolvendo estatuto coordenativo e esse estatuto é critério de distinção entre contextos polissêmicos (cf. seção 4.2), é importante delimitar o posicionamento teórico acerca da noção de coordenação contrastiva, que é pouco consensual na literatura linguística.

Parte das definições de coordenação oracional se pautam em critérios essencialmente estruturais (cf., por exemplo, CULICOVER; JACKENDOFF, 1997; LEHMANN, 1988), não suficientes para a compreensão da complexidade das relações coordenativas. Admitindo essa complexidade, assumo uma perspectiva teórica de coordenação orientada a seus aspectos universais, que viabilizam uma abordagem translinguística desse tipo de relação (MAURI, 2008a, b). Esses aspectos são de ordem semântica e pragmática, pois, conforme Mauri (2008a, b), relações coordenativas podem ser expressas a partir de uma diversidade de estruturas morfossintáticas, diversidade que dificulta a observação de seu alcance translinguístico. Em contrapartida, do ponto de vista do significado, segundo a autora, é possível definir a coordenação, para um amplo conjunto de línguas, como um cenário conceitual em que dois estados de coisas⁶ (EsCos, daqui em diante) exibem *paralelismo funcional*, no sentido de autonomia semântica e pragmática. A análise de paralelismo funcional se baseia, na proposta de Mauri, principalmente na presença de força ilocucionária em ambas as orações relacionadas.

Entendo contraste, neste trabalho, à luz de Lang (1984, 2000), que particulariza o papel da estrutura gramatical e da pragmática na constituição de relações contrastivas. O autor sugere que a interpretação de contraste envolve um dispositivo de busca pautado em uma relação entre uma fonte e um alvo: a fonte está na segunda oração, que contém indicações lexicais de que um contraste deve ser estabelecido, e o alvo reside em uma suposição que atende às condições para a leitura contrastiva. Nessa concepção, a construção coordenada contrastiva apresenta uma estrutura gramatical que dispara a busca pela relação de contraste (tal como predicados antônimos), mas o elemento essencial para a consolidação da relação – a suposição lida ou inferida – não está na estrutura gramatical, sendo fornecido pela pragmática.

Além do postulado da suposição, Lang também sustenta que é característica fundamental da relação contrastiva (bem como de qualquer relação coordenativa) a presença de um *integrador comum*, isto é, uma entidade conceitual que é compartilhada pelas orações em relação. Os juntores que articulam construções coordenadas contrastivas, desse modo,

⁶ Mauri (2008a, p. 145) utiliza a expressão estado de coisas como um hiperônimo de situações, eventos, processos e ações. Ao longo do trabalho, empregarei o termo no mesmo sentido.

têm o papel, segundo o autor, de indicar que as orações estão combinadas enquanto instâncias do integrador. Na seção 4.3, ilustra-se a noção de integrador comum a partir das construções contrastivas com *agora* e *now*.

3 Material e Metodologia

Dados os objetivos e questões da pesquisa, o viés metodológico da análise é longitudinal. Para a investigação dos percursos de mudança atravessados por *agora* e *now*, foram constituídos *corpora* diacrônicos do português e do inglês o mais similares possível no intuito de prevenir enviesamentos nos resultados obtidos para cada língua. Essa aproximação foi buscada a partir de critérios qualitativos e quantitativos, descritos nesta seção.

No *corpus* do português, o recorte temporal tem início no século XVIII e se estende até o XXI; no *corpus* do inglês, compreende o período do século XVII ao XXI.⁷ Na busca pela maior aproximação possível do *quando* das mudanças, associei os intervalos de cinquenta anos de cada século a um estado de língua. O pouco tempo transcorrido do século XXI foi incorporado à segunda metade do século XX. Desse modo, a investigação se pauta em um recorte longitudinal que contempla seis sincronias de análise para o português (XVIII-1, XVIII-2, XIX-1, XIX-2, XX-1, XX-2/XXI) e oito para o inglês (XVII-1, XVII-2, XVIII-1, XVIII-2, XIX-1, XIX-2, XX-1, XX-2/XXI).

Do ponto de vista qualitativo, dois critérios nortearam a constituição dos *corpora*: a *natureza dialógica* dos textos e sua *diversidade tipológica*. Conforme Schwenter (2000) e Traugott (2010), contraste é significado essencialmente dialógico, entendendo-se dialogicidade como a evocação de diferentes pontos de vista. Ancorada em evidências empíricas, Traugott (2010) argumenta que novos significados dialógicos tendem a emergir em contextos caracterizados por dialogicidade acentuada. Com base na autora, admito que textos favoráveis à marcação

⁷ A diferença no recorte temporal de ambos os *corpora* se deve ao fato de que este trabalho foi desenvolvido no âmbito de uma pesquisa maior (cf. FERRARI, 2018), que também investigou a emergência de usos de *agora* e de *now* como marcadores discursivos. Os dados mostraram ocorrências de *now* como marcador já no século XVIII, o que levou à decisão de um recuo maior no tempo para o *corpus* do inglês, em busca dos estágios mais incipientes dessa trajetória.

de múltiplos pontos de vista configuram um lugar propício para a apreensão de pistas das motivações para o desenvolvimento de *agora* e *now* como juntores contrastivos. A diversidade tipológica, por sua vez, foi critério considerado relevante para que os resultados não se restringissem a determinados tipos de texto. Assim, na constituição de ambos os *corpora*, foram selecionados textos diversos que favorecem a configuração de contextos dialógicos. Considerando a importância de simetria entre os *corpora* das duas línguas, busquei o quanto possível a equivalência entre os gêneros textuais. Embora ela não tenha sido sempre possível, entendo que o critério de natureza dialógica permitiu que a proximidade dos textos de cada *corpus* se mantivesse. Os textos que compõem os *corpora* diacrônicos compreendem peças teatrais, romances, cartas pessoais e oficiais, notícias, processos criminais, inquéritos, aulas universitárias e entrevistas. Tanto os textos do português quanto os do inglês foram extraídos de bases de dados eletrônicas, elencadas a seguir.

QUADRO 1 – Bancos de dados do português

BDPT	Biblioteca Digital de Peças Teatrais http://www.bdteatro.ufu.br/
GPD	Grupo de Pesquisas em Dramaturgia http://www.fclar.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/dramaturgia-gpd/o-judeu/
PHPP	Projeto História do Português Paulista http://phpp.fflch.usp.br/corpus
PHPB	Projeto para a História do Português Brasileiro https://sites.google.com/site/corporaphpb/home
BBGJM	Biblioteca Digital Brasileira Guita e José Mindlin http://www.bbm.usp.br
CHPTB	<i>Corpus</i> Histórico do Português Tycho Brahe http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/index.html
VARPORT	Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português http://www.lettras.ufrj.br/varport/
CDMA	Coleção Digital Machado de Assis http://machado.mec.gov.br/
CE-DOHS	<i>Corpus</i> Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão http://www.tycho.iel.unicamp.br/cedohs/corpora.html
OTE	Oficina de Teatro http://oficinadeteatro.com/

TPT	Teatro para Todos http://www.teatroparatodosufsj.com.br/
NURC	Projeto Norma Linguística Urbana Culta http://www.letas.ufjf.br/nurc-rj/
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua http://www.letas.ufjf.br/peul/
ALIP	Amostra Linguística do Interior Paulista (IBORUNA) http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/index.php
GCL	Grupo Companhia das Letras https://www.companhiadasletras.com.br/
PPP	Projeto PorPopular (Padrões do Português Popular Escrito) http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/index.php

QUADRO 2 – Bancos de dados do inglês

OTA	The Oxford Text Archive https://ota.ox.ac.uk/
PL	Penn Libraries digital.library.upenn.edu/
PG	Project Gutenberg http://www.gutenberg.org/
IA	Internet Archive https://archive.org/
POB	The Proceedings of the Old Bailey Lond's Central Criminal Court, 1674 to 1913 https://www.oldbaileyonline.org//
TNP	The Newton Project http://www.newtonproject.ox.ac.uk/
RRBP	From Revolution to Reconstruction and beyond' Project http://www.let.rug.nl/usa/
CLO	The Carlyle Letters Online http://carlyleletters.dukeupress.edu/
MICASE	The Michigan Corpus of Academic Spoken English https://quod.lib.umich.edu/cgi/c/corpus/corpus?page=home;c=micase;cc=micase
BSC	The Buckeye Speech Corpus http://buckeyecorpus.osu.edu/

Além da simetria do ponto de vista qualitativo, busquei também a simetria quantitativa, por meio de uma distribuição o mais balanceada possível dos textos tanto entre as diferentes sincronias de análise quanto

entre os diferentes tipos textuais no interior de cada sincronia. Para essa simetria, o critério adotado foi o número de palavras, sendo definida a quantia aproximada de 200.000 e 150.000 palavras⁸ para cada sincronia no *corpus* do português e no *corpus* do inglês, respectivamente. Na Tabela 1 e na Tabela 2, abaixo, apresento o número de ocorrências de *agora* e de *now* obtido a partir da quantidade de palavras coletada para cada sincronia.

TABELA 1 – Número de ocorrências de *agora* por número de palavras

Sincronia	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Nº de palavras	204.015	204.380	208.540	203.945	208.925	209.830
Nº de ocorrências	206	158	140	142	238	259

TABELA 2 – Número de ocorrências de *now* por número de palavras

Sincronia	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/ XXI
Nº de palavras	148.620	150.700	150.540	150.220	149.630	150.210	150.350	150.790
Nº de ocorrências	304	229	170	160	228	164	141	146

À luz do modelo de contextos proposto em Diewald (2002), a análise dos dados envolve a identificação e caracterização, na trajetória de cada língua, de três tipos de arranjos contextuais: *contextos fonte*, em que apenas os significados temporais primitivos de *agora* e *now* estão disponíveis, *contextos polissêmicos*, em que há convivência entre os significados fonte e alvo, e *contextos alvo*, em que apenas o novo significado, oposição semântica, é acessível. Em virtude da perspectiva teórica de mudança assumida, o foco da análise incidirá sobre os contextos de polissemia, em busca dos fatores que predispueram o desenvolvimento dos novos juntores contrastivos.

⁸ A diferença entre a quantidade de palavras por sincronia em cada *corpus* se justifica pela constatação de uma maior frequência de uso de *now* no inglês do que de *agora* no português e não compromete a simetria pretendida entre os dois *corpora*, tendo em vista que há similaridade entre eles do ponto de vista qualitativo e que cada um apresenta equilíbrio interno em termos de distribuição dos textos.

A descrição longitudinal dos contextos conjuga dois vieses de análise: qualitativo e quantitativo. As análises qualitativas implicam a descrição das ocorrências de *agora* e de *now* em termos de tempo (contextos fonte), tempo/contraste (contextos polissêmicos) e contraste (contextos alvo), associando-se cada padrão semântico a correlatos morfossintáticos que o singularizam. Já as análises quantitativas buscam, a partir da apuração das frequências de cada tipo de contexto, pistas do gatilho e da generalização das mudanças, tendo em vista tendências reconhecidas acerca do papel da frequência, sobretudo dos contextos de polissemia, para a propagação de novos significados, tendências que indiciam uma provável correlação entre aumento de tais contextos e disseminação da mudança (MAURI; RAMAT, 2012; TRAUGOTT; DASHER, 2002).

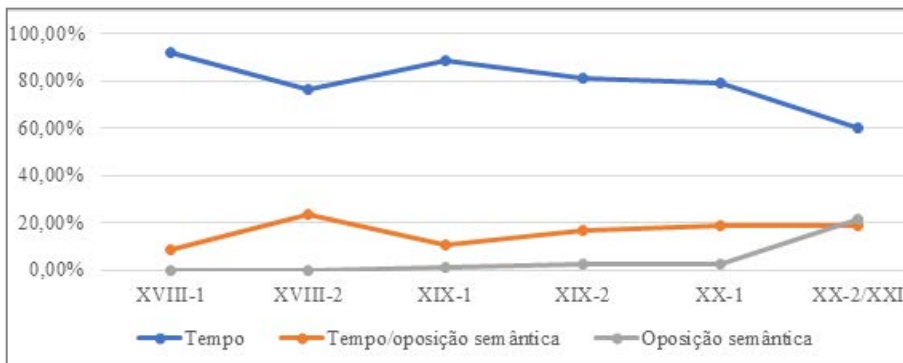
4 O processo de constituição de *agora* e *now* como juntores contrastivos

Nesta seção, descrevo os contextos relevantes para a reconstrução diacrônica dos percursos de constituição de *agora* e *now* como juntores contrastivos. Dada a primazia dos contextos de polissemia para os objetivos e questões do trabalho, a caracterização dos contextos fonte e dos contextos alvo é mais breve, sendo dedicada uma análise mais circunstanciada aos contextos de polissemia entre tempo e contraste. Os contextos envolvidos na trajetória de *agora* e aqueles envolvidos na trajetória de *now* mostraram-se altamente similares, confirmando as hipóteses iniciais (cf. seção 1), motivo pelo qual são aqui apresentados de maneira conjunta.

Nas Tabelas 3 e 4 e nos Gráficos 1 e 2, abaixo, é apresentada a frequência longitudinal dos três padrões semânticos que são relevantes para as trajetórias de mudança investigadas neste trabalho, correspondentes aos contextos fonte, fonte/alvo e alvo: tempo, tempo/contraste e contraste. A Tabela 3 e o Gráfico 1 mostram os dados relativos à trajetória de *agora* e a Tabela 4 e o Gráfico 2, os dados relativos à trajetória de *now*.

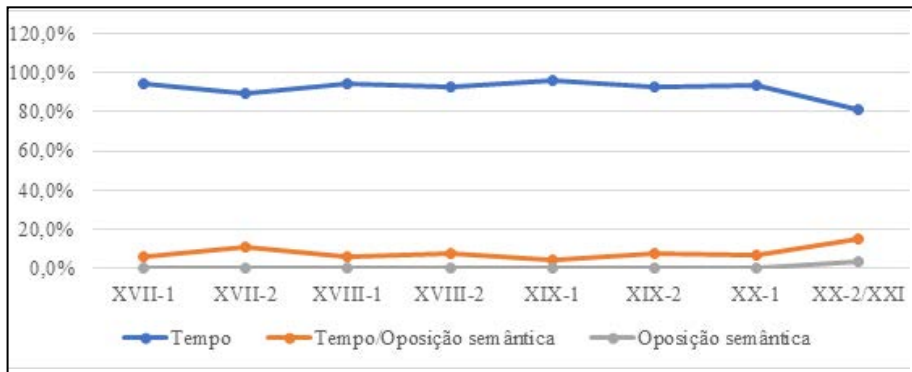
TABELA 3 – A trajetória de tempo à oposição semântica de *agora* em perspectiva longitudinal

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	189/206 (91,7%)	121/158 (76,6%)	124/140 (88,6%)	115/142 (81%)	188/238 (79%)	155/259 (59,9%)
Tempo/Oposição semântica	17/206 (8,3%)	37/158 (23,4%)	15/140 (10,7%)	24/142 (16,9%)	44/238 (18,5%)	48/259 (18,5%)
Oposição semântica	0/206 (0%)	0/158 (0%)	1/140 (0,7%)	3/142 (2,1%)	6/238 (2,5%)	56/259 (21,6%)

GRÁFICO 1 – A trajetória de tempo à oposição semântica de *agora* em perspectiva longitudinalTABELA 4 – A trajetória de tempo à oposição semântica de *now* em perspectiva longitudinal

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Tempo	286/304 (94,1%)	205/229 (89,5%)	160/170 (94,1%)	148/160 (92,5%)	207/228 (96%)	152/164 (92,7%)	132/141 (93,6%)	119/146 (81,5%)
Tempo/Oposição semântica	18/304 (5,9%)	24/229 (10,5%)	10/170 (5,9%)	12/160 (7,5%)	21/228 (4%)	12/164 (7,3%)	9/141 (6,4%)	22/146 (15,1%)
Oposição semântica	0/304 (0%)	0/229 (0%)	0/170 (0%)	0/160 (0%)	0/228 (0%)	0/164 (0%)	0/141 (0%)	5/146 (3,4%)

GRÁFICO 2 – A trajetória de tempo à oposição semântica de *now* em perspectiva longitudinal



As tabelas e os gráficos mostram que os usos temporais tanto de *agora* como de *now* predominam ao longo de todos os estados de língua analisados. Em ambas as trajetórias, é importante notar sua redução na última sincronia, ainda mais significativa na trajetória de *agora*. Essa redução é acompanhada, no percurso de *agora*, por um aumento expressivo dos usos exclusivamente contrastivos e, no percurso de *now*, pelo surgimento das primeiras ocorrências de contraste. Os dados indiciam, nesse sentido, que as construções contrastivas com *agora* e com *now* são relativamente recentes no português e no inglês, sobretudo as contrastivas com *now*, que têm uma frequência ainda baixa nos dados (3,4%). Ainda que baixa, essa frequência – que pode ser resultante da própria concorrência de *now* com outros tantos jutores contrastivos – já permite atestar um processo de mudança em desenvolvimento. No caso das construções de contraste com *agora*, os dados também sugerem que se trata de um processo ainda em desenvolvimento, embora em estágio provavelmente mais avançado do que as construções com *now*.

Para os objetivos e questões deste trabalho, mais importante do que os graus de desenvolvimento das mudanças é o fato de os dados revelarem construções *em* mudança, que, portanto, estão sob o alvo de forças pragmáticas que aqui interessam investigar. Assim, a frequência longitudinal dos contextos de polissemia entre tempo e contraste é de grande importância para a identificação de fatores que, há séculos, estão fornecendo condições para a constituição de *agora* e *now* como jutores contrastivos. Estudos empíricos sugerem a tendência de um aumento dos

contextos polissêmicos em intervalos de tempo próximos à emergência das primeiras ocorrências do significado alvo (MAURI; RAMAT, 2012; RAMAT; MAURI, 2011; TRAUGOTT; DASHER, 2002), o que não se verifica nas trajetórias atravessadas por *agora* e *now*, segundo os dados, que parecem revelar um papel diferente da frequência de uso para as mudanças. Conforme se observa nas Tabelas 3 e 4 e nos Gráficos 1 e 2, todos os estados de língua mostram o padrão tempo/oposição semântica, indicando que, já desde o século XVIII, há, no português e no inglês, contextos favoráveis à mudança. Desse modo, os dados não mostram picos elevados de frequência dos contextos polissêmicos em geral, mas mostram uma *constância* de tais contextos ao longo do tempo.

A análise qualitativa dos contextos de polissemia, conforme a seção 4.2, coloca em evidência tipos específicos de contextos polissêmicos que teriam maior peso para as transformações de forma e significado, de modo que revela como mais importante do que a frequência longitudinal de todos os contextos polissêmicos envolvidos nas trajetórias a frequência longitudinal de arranjos contextuais particulares, que seriam mais favoráveis à associação de *agora* e *now* ao sentido de oposição semântica através de gerações de falantes/escreventes.

A seguir, apresento a análise qualitativa dos contextos que exprimem os significados temporais primitivos, dos contextos polissêmicos e dos contextos exclusivamente contrastivos.

4.1 Os contextos temporais primitivos

Nos contextos fonte, *agora* e *now* participam, juntamente com outros dispositivos gramaticais (tal como a morfologia verbal), da construção de diferentes relações temporais entre o momento da enunciação e o EsCo descrito. Ambos os advérbios se caracterizam, assim, por uma polissemia temporal, sendo três as nuanças de tempo identificadas nos dados: *simultaneidade*, em que há correspondência entre o tempo do EsCo enunciado na oração que *agora* e *now* integram e o momento da enunciação; *anterioridade imediata*, em que *agora* e *now* indiciam proximidade entre um EsCo já finalizado e o momento da enunciação; e *posterioridade imediata*, em que *agora* e *now* contribuem para aproximar um EsCo futuro do momento da enunciação. Verifica-se, dessa forma, que todas as nuanças estão de algum modo ancoradas na situação de comunicação.

Do ponto de vista morfossintático, *agora* e *now*, enquanto advérbios dêiticos circunstanciais, exibem a flutuação sentencial típica dos advérbios, podendo ocupar diversas posições na oração e participar de uma variedade de construções. As ocorrências de (7) a (12) exemplificam os usos temporais primitivos de *agora* e *now*. (7) e (10) ilustram as construções em que os itens atuam na expressão de simultaneidade temporal, (8) e (11) ilustram aquelas em que veiculam anterioridade e (9) e (12) mostram as que expressam posterioridade.

(7) Essa fortuna devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondência; e, porque **agora** falamos de amor, escuta, Filena, a frase das melhores expressões. (PTVE18:1, 08, C1)

(8) Isto me faz desesperar! Tu podes negar o que eu vejo e o que **agora** te ouvi? (PTVE18:1, 01, C1)

(9) Velhaco insolente, tantas me tens feito, que **agora** te mandarei enforcar. (PTVE18:1, 57, C1)

(10) His wife interested me somewhat: in face and in character she reminded me of one who **now** lies beneath the ground. (CAACL19:1, 172)

A esposa dele me interessou um pouco: pela aparência e pelo caráter ela me lembrou de alguém que agora está debaixo da terra.

(11) Craik and I went as far as the extremity of the Regent's Park; I have dined and had tea, and **now** set to work again. (CAACL19:1, 301)

Craik e eu fomos até a extremidade do Regent's Park; eu jantei e tomei chá, e agora me sentei para trabalhar novamente.

(12) No: not when a Roman slays an Egyptian. All the world will **now** see how unjust and corrupt Caesar is. (PTCC19:2, 109)

Não: não quando um romano mata um egípcio. O mundo todo verá agora o quão injusto e corrupto César é.

4.2 Os contextos de polissemia entre tempo e contraste

Os dados revelam uma diversidade de arranjos contextuais que habilitam polissemia entre tempo e oposição semântica, ao longo de

todos os estados de língua analisados. Nessa diversidade, foi possível reconhecer quatro tipos de contextos, que se mostram mais e menos próximos dos contextos alvo prototípicos (cf. seção 4.3). Proponho que eles refletem diferentes estágios evolutivos, mais e menos avançados a depender de sua proximidade em relação aos contextos alvo. Nesta seção, caracterizo cada tipo de contexto polissêmico encontrado, buscando mostrar de que maneira cada um contribui para as mudanças. Na seção 5, os contextos aqui descritos são retomados e sistematizados em termos de estágios de mudança, e avalia-se se a gradualidade identificada entre eles é apenas de natureza qualitativa, em termos de maior ou menor conjunto de condições para as mudanças, ou se ela tem correlação com estados de língua particulares.

Em todos os contextos de polissemia, foi identificada uma mesma nuance de tempo que é base para a emergência de inferências de contraste por oposição semântica: *sequencialidade temporal*. O que leva à distinção entre quatro tipos de contextos são os fatores semântico-categoriais (presentes na construção linguística de que *agora* e *now* participam) que habilitam a interpretação de uma relação temporal-contrastiva.

No **padrão polissêmico I**, as inferências de contraste ainda são bastante sutis e altamente canceláveis. Admito que aqui a sequencialidade entre um EsCo anterior e um EsCo posterior ainda não alimenta uma relação contrastiva de fato, mas uma relação de *desigualdade temporal*. A natureza altamente sutil do significado alvo nesse tipo de contexto se deve ao fato de apenas um dos EsCos que participam da relação sequencial estar presente na construção linguística que *agora* e *now* integram. O EsCo anterior pode ser, por inferência, recuperado no contexto mais amplo, que extrapola as fronteiras da construção de que *agora* e *now* fazem parte. Os exemplos (13) e (14) são ilustrativos.

- (13) D. Quixote. Com que, vossa mercê é cavaleiro andante? Ora ajunte- se comigo, e falemos na matéria, que, como professor dela, estimo muito estas práticas.

Criado*. Enquanto nossos amos lá praticam sobre os seus amores e valentias, vamos dando à taramela e fazendo pela vida.

Sancho. Meu amigo, **agora** fico mais consolado nos meus infortúnios, pois mal de muitos consolo é. Até aqui, cuidava que só eu era desgraçado, em ser escudeiro de cavaleiro andante; mas já vejo que vossa mercê nasceu debaixo da minha estrela. (PTDQ18:1, 78, C2)

(14) SCENE XII.

Lettice. I'm **now** a Lady indeed. A fine House, fine Cloaths, and Servants to command. And this Sir John is the finest, handsomest Gentleman. Not that I care for him, any more than I should for any Body else, that would but make a Gentlewoman of me. (PTCB18:1, 54)

Lettice. Eu sou agora uma dama de fato. Uma casa elegante, roupas elegantes e servos para comandar. E esse senhor John é o cavaleiro mais elegante e bonito. Não que eu ligue para ele, não mais do que eu devo ligar para qualquer pessoa que faça de mim uma dama.

Em (13), é possível inferir, a partir da oração que *agora* ocupa, uma relação de desigualdade entre o momento presente, em que o locutor alimenta uma atitude avaliativa mais positiva em relação a seu trabalho, e um momento anterior, em que acreditava ser o único a exercer a atividade profissional em pauta. É importante notar que o descontentamento prévio do locutor não está explícito na construção coordenada de que *agora* participa, podendo ser inferido, sobretudo, pela associação do valor temporal de *agora* com o valor de intensificação do advérbio *mais*, que indicia diferença por comparação de superioridade. No contexto mais amplo, a relação de desigualdade que pode ser apenas inferida na construção que *agora* integra já se apresenta como uma relação propriamente contrastiva, a partir da construção coordenada com *mas* que aparece na sequência do texto.

Já em (14), a relação de desigualdade se mostra ainda mais obscura no contexto. A oração que *now* ocupa inicia uma nova cena em uma peça teatral, não havendo, assim, contexto linguístico imediatamente anterior em que poderia haver pistas de um EsCo precedente. Nos enunciados seguintes, o EsCo anterior também não é explicitado. A oração que *now* integra está em relação com todo o contexto anterior da peça, em que a locutora busca adquirir hábitos de comportamento cultivados por mulheres de classes sociais mais altas. *Now*, ao fazer referência ao momento presente, em que a transformação almejada pela locutora se completou, alude também, por inferências habilitadas pelo contexto maior, a todo o intervalo de tempo que antecede a mudança, em que a locutora se caracteriza por um comportamento distante daquele assumido como padrão para mulheres da elite social da época. *Indeed* é traço

importante no contexto. Segundo Traugott (1995), pode atuar como um advérbio sentencial de valor adversativo, em que o item “refuta ou um argumento anterior ou um argumento que se pressupõe estar na mente do ouvinte”⁹ (TRAUGOTT, 1995, p. 8, tradução nossa). No contexto em que está inserido, esse parece ser justamente o papel de *indeed*, uma vez que um dos principais aspectos de desenvolvimento da peça é a dúvida constante acerca da transformação da locutora em uma “*lady*”. Nesse sentido, *indeed* tem o papel de evocar vozes que, sendo pressupostas pela locutora, colocariam em questão a mudança de seu comportamento.

A partir do **padrão polissêmico II**, os dois EsCos em relação sequencial estão explícitos na construção linguística de que *agora* e *now* participam. Nos contextos associados a esse padrão, o principal tipo de construção, encontrado nos dados, em que se instaura sequencialidade entre um EsCo anterior e um EsCo posterior se constitui de uma oração nuclar e uma oração relativa, que pode ser de natureza determinativa ou explicativa. Os traços contextuais que, invariavelmente, no padrão polissêmico em foco, alimentam a sequencialidade são a correlação modo-temporal entre as orações relacionadas e a marcação explícita de tempo por *agora* e *now*. Os dados exibem duas possibilidades de correlação modo-temporal, passado-presente ou passado-futuro. Em ambas, *agora* e *now* veiculam sempre tempo presente ou tempo futuro, isto é, sempre fazem referência ao EsCo que é *posterior* na relação sequencial, esteja ele em relação de simultaneidade ou de posterioridade imediata com o momento da enunciação. Há contextos no padrão polissêmico II em que se configura uma correlação entre *agora* e *now* (que marcam o tempo posterior) e outras expressões adverbiais, que indicam o tempo anterior, o que torna a sequencialidade no tempo ainda mais evidente na construção.

Apenas a relação de sequencialidade não é suficiente para a emergência de inferências de contraste. À desigualdade no tempo (tempo anterior X tempo posterior), se soma uma desigualdade entre os EsCos em relação temporal, a partir de elementos contextuais que permitem reinterpretar a relação temporal como uma relação contrastiva. Para analisarmos a natureza desses elementos e os demais traços que caracterizam o padrão polissêmico II, apresento os exemplos de (15) a (18).

⁹ “(...) to refute either an earlier argument, or one presupposed to be in the hearer’s mind” (TRAUGOTT, 1995, p. 8).

- (15) Esta jovem cheia de encantos, que a pouco vos atrahia pela sua modestia, por suas maneiras doces, mas, graves, e reportadas, por certo acanhamento pudibundo, e por isso mais gracioso, **agora** a vereis desgranhada, como huma Bachante, destemida como huma furia, ensopada em cantaros d'agua, salpicada de lama, investindo a todos, e arcando com homens igualmente desassisados, e loucos. (CAPH19:1, 131, C2)
- (16) Na largura do gradeamento da porta, e pelo seu comprimento, se estende huma Rua, que ao longe vejo adornada em meio, com hum formoso Obelisco em fôrma pyramidal, o qual logo hiremos ver , e notar de mais perto. Que maravilhosa mudança vejo eu da parte da Serra! Efte terreno que eu vira inculto, cuberto de aspero, rasteiro, e esteril Tojo, **agora** se mostra a meus olhos ondeando todo com a larga Seara, e do meio dela brotaõ milhares, e milhares de viçosas Oliveiras, que aformoseaõ, e enriquecem esta agradável encosta. (DEQB18:2, 102, C2)
- (17) Sure it was the same ill spiritt that posessed Saul which hath governed mee lattly, of which I am **now** free I blesse God and this weeke past have had good health. (CADM17:1, 406)
 Certamente era o mesmo espirito doentio que tomou posse de Saul que tem me governado ultimamente, do qual eu estou agora livre eu agradeço a Deus e essa semana passada tive boa saúde.
- (18) His wife Octavia, Driven from his house, solicits her revenge; And Dolabella, who was once his friend, Upon some private grudge, **now** seeks his ruin. (PTAL17:2, 189)
 Sua esposa Octavia, tirada de sua casa, solicita sua vingança; E Dolabella, que era outrora sua amiga, por conta de algum ressentimento particular, agora busca sua ruína.

Em todas as construções apresentadas, é possível observar a morfologia verbal direcionando a uma leitura de sequencialidade entre a oração que *agora* e *now* integram e a outra oração em jogo: *atraía X vereis*, em (15); *vira X mostra*, em (16); *has governed X am*, em (17); *was X seeks*, em (18). Em (15), (17) e (18), há ainda a correlação entre *agora* e *now* com outras expressões adverbiais que explicitam o tempo anterior, reforçando a leitura de tempo sequencial: *há pouco X agora* (15), *lately X now* (17), *once X now* (18).

Nas orações nucleares e nas orações relativas, há expressões lexicais, ou mesmo predicados inteiros, que adquirem estatuto de opostos semânticos, em virtude de crenças subjetivas fundamentadas em modelos de mundo socialmente construídos, que habilitam a interpretação de que os EsCos em relação sequencial estão também em relação contrastiva. Em (15), *encantos, modéstia, doces, reportadas, pudibundo, gracioso* são nomes que caracterizam o comportamento anterior de *esta jovem* como um comportamento socialmente avaliado como “bom”, “direito”. Em contrapartida, *desgranhada e bacante*, além de predicados inteiros que também operam na descrição do comportamento, evocam uma imagem de desordem, de um comportamento distante daquele esperado de uma mulher na sociedade da época. Esses nomes atuam como *enunciadores lexicais* (DUCROT, 2009), expressões que carregam um ponto de vista intrínseco a seu significado.

Em (16), também se verifica expressões que funcionam como enunciadores de ponto de vista. *Inculto, áspero, rasteiro e estéril* indicam um cenário de improdutividade, ao passo que *viçosas, aformoseiam, enriquecem, agradável*, na oração que *agora* integra, caminham em direção argumentativa contrária e sugerem beleza e fertilidade. É importante notar que uma atitude avaliativa do locutor em relação à mudança que observa no tempo está explícita no enunciado imediatamente anterior à construção de que *agora* participa (*que maravilhosa mudança vejo eu da parte da Serra!*).

No exemplo (17), os elementos lexicais que evocam inferências de oposição entre os EsCos, para além da oposição no tempo, são as próprias proposições (*has governed me e am now free*). Modelos de mundo concebem oposição entre estar sob o controle de algo/alguém e estar livre, tendendo a avaliar qualquer processo de libertação como uma mudança positiva.

Em (18), o enriquecimento da relação temporal com inferências de contraste depende de uma suposição que emerge da oração relativa. Em diferentes sociedades, existe a crença subjetiva de que amigos compartilham sentimento de afeição e, por isso, buscam o bem recíproco. Em vista dessa suposição, modelos de mundo habilitam a interpretação de que o comportamento atual da personagem em pauta é incompatível ao comportamento anterior.

É possível observar, a partir dos exemplos analisados, que os contextos associados ao padrão polissêmico II contêm mais traços

favoráveis às mudanças do que os contextos caracterizados pelo padrão polissêmico I, já que os dois EsCos em relação sequencial estão explícitos na construção linguística que *agora* e *now* integram.

Os dados mostram contextos ainda mais favoráveis, em que a polissemia entre tempo e contraste está expressa através de relações coordenativas, de modo que são contextos mais próximos dos contextos alvo. Ao organizarem os EsCos sequenciais em uma construção coordenada, esses contextos reúnem maior conjunto de condições tanto para as mudanças de significado, já que se configura, entre as orações relacionadas, o integrador comum que é típico da relação coordenativa (cf. seção 2.2), quanto para as mudanças categoriais, pelo fato de que *agora* e *now* passam a integrar uma estrutura binária paratática, que é a estrutura típica das construções coordenadas em português e em inglês. Tais contextos, portanto, exibem a ambiguidade tanto semântica quanto categorial que, segundo Diewald (2002) e Traugott (2012), é essencial para processos de gramaticalização.

Dentre os contextos em que a relação temporal-contrastiva está expressa a partir de construções coordenadas, há aqueles em que *agora* e *now* figuram em diferentes posições sentenciais, sempre no segundo segmento coordenado, e aqueles em que os itens ocupam a posição inicial desse segmento. Sendo a posição inicial típica de jutores contrastivos (KORTMANN, 1997; QUIRK *et al.*, 1985), os contextos do segundo tipo representam um ganho importante para a mudança, no âmbito da morfossintaxe. Em posição inicial de uma relação coordenativa, admito que *agora* e *now* passam a atuar como advérbios *juntivos*, adquirindo traços da categoria alvo. Dessa forma, associo esses dois conjuntos de contextos aos padrões polissêmicos III e IV, respectivamente.

No **padrão polissêmico III**, assim como no padrão anterior, as inferências de oposição semântica têm em sua base uma relação de sequencialidade temporal que se alia a outros traços do contexto. O fator crucial para a construção de sequencialidade entre os EsCos é a correlação modo-temporal que se estabelece entre as orações relacionadas, aqui através de coordenação. Em muitas ocorrências, expressões adverbiais que expressam tempo anterior se combinam com *agora* e *now*, tornando a sequencialidade ainda mais explícita. Nos contextos que exibem esse padrão polissêmico, a relação coordenativa é sinalizada por um jutor (contrastivo ou não) ou pode também se dar por justaposição, nas construções com *now*.

Os ganhos categoriais que os contextos em foco representam para as mudanças não se restringem à configuração de uma estrutura binária, mas também se devem à própria posição de *agora* e *now* no interior da construção coordenada. Embora possam ocupar diferentes posições na oração de que participam, *agora* e *now* sempre integram o segundo membro da construção coordenada, que, conforme Ducrot (1977), é reservado, nas construções contrastivas, para o argumento mais decisivo.

De tal maneira, a posposição de *agora* e *now* na construção coordenada se revela um traço morfossintático que coloca em evidência a substancialidade da nuance temporal que fornece as bases para as inferências de contraste. Uma vez que *agora* e *now* ajudam a constituir relações de sequencialidade e, nessas relações, indiciam o tempo posterior, o princípio de iconicidade (HAIMAN, 1985) permite compreender que o EsCo posterior tenda a ocupar posição posterior também na construção linguística. Segundo Haiman (1985), a sucessão temporal tende, nas línguas do mundo, a ser iconicamente representada na estrutura linguística. Desse modo, a relação temporal fonte das mudanças tem papel singular não só para as transformações de significado, ao se combinar com outros elementos contextuais que habilitam sua reinterpretação como relação contrastiva, mas também para as transformações categoriais, na medida em que predis põe uma disposição morfossintática de *agora* e *now* que é altamente favorável ao desenvolvimento de funções juntivas. Os exemplos de (19) a (21) ilustram ocorrências de *agora* em contextos que veiculam o padrão polissêmico III, e os exemplos de (22) a (24), ocorrências de *now* representativas de tais contextos.

- (19) Como o imbu na varzea era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharão e sostiverão algum tempo; mas **agora** longe de sua casa e de seus irmãos, sentiu-se em um ermo. (ROIR19:2, 44, C2)
- (20) A primeira operação do affedador he corcovar, ou' bater o Canamo: isto se fazia primeiramente à mão e ainda se faz em alguns lugares; mas em Suffolk servem-se **agora** de hum moinho, que levanta dois, e algumas vezes três pezados maços, os quais cahem fobre o Canamo, que hum homem , ou rapaz conduz à roda para fer regularmente maçado. (MCM18:2, 85, C2)

- (21) E no que toca aos indios não digo a Vossamerce nada, pois de tudo tem noticia que Veviam e[rasurado]morriam Como ereges e **agora** ja parecem emparte Christaos, e não digo mais porque Vossamerce como vezinho Sabera detudo melhor de que eu. (CAAI18:1, 74, C1)
- (22) At my first coming in, and finding her arms about him, tickling him it seems, I was half jealous, but **now** I see my folly. (PTCW17:2, 165)
- Na primeira vez que eu entrei e encontrei os braços dela sobre ele, fazendo cócegas nele parece, eu fiquei com um pouco de ciúmes, mas agora eu vejo minha estupidez.
- (23) When I was working full time even with my child at home just the frustration of getting home I was so stressed with work and **now** being part time I'm so much more relaxed. (CEBC20:2/21, 304)
- Quando eu estava trabalhando período integral mesmo com meu filho em casa só a frustração de chegar em casa eu ficava tão estressado com o trabalho e agora sendo meio período eu estou tão mais relaxado.
- (24) James Hargrave. I am the landlord of the Crown at Kitts Inn. I have known Mr. White about a year and three quarters. He did live next door to me: he lives **now** in our parish, the parish of South Mims. (PROB18:2,25)
- James Hargrave. Eu sou o proprietário do Crown em Kitts Inn. Eu conheço o senhor White há mais ou menos um ano e nove meses. Ele realmente morava na casa vizinha: ele mora agora em nossa paróquia, a paróquia de South Mims.

Os exemplos mostram que diferentes mecanismos de junção podem atuar nos contextos associados ao padrão em análise. Além de *mas* e *e*, no português, e de *but* e *and*, no inglês, outros jutores aparecem nos dados, tais como *porém*, *entretanto*, *whereas* e *however*. Entendo que os contextos que exibem jutores contrastivos explicitando a relação coordenativa são os contextos do padrão polissêmico III que mais favorecem a assimilação, por *agora* e *now*, do significado de contraste, visto que, ao estar presente na construção uma marca explícita de oposição semântica, esse significado não é apenas pragmático, mas está de fato codificado no contexto. Os exemplos (19), (20) e (22)

são representativos. Em (19) e (22), soma-se à presença de um juntor contrastivo a contiguidade de *agora* e *now* a esse juntor, o que se mostra uma condição ainda mais favorável à associação com o significado alvo, pois a proximidade morfosintática levaria a uma proximidade conceitual, no sentido de que tornaria mais evidente a afinidade semântica entre tempo e contraste. Nas construções em que a relação coordenativa é sinalizada por *e*, em português, ou por *and*, no inglês, tal como vemos em (21) e (23), e nas construções em que há coordenação por justaposição, como em (24), o valor de oposição semântica tem novamente estatuto pragmático e sua interpretação é altamente dependente do contexto.

Nos contextos em que jutores contrastivos explicitam a relação de coordenação, a relação de sequencialidade temporal que *agora* e *now* ajudam a veicular ainda é significado saliente na construção, pois a relação contrastiva que o juntor explicita não se restringe apenas aos EsCos, mas é também pautada nos intervalos de tempo em que cada EsCo se desenvolve. Isso porque o contraste se instaura, nesses casos, a partir da comparação entre EsCos em diferentes tempos. A relação temporal, portanto, ainda é um dos pilares da relação contrastiva.

Em (19), ambas as orações em coordenação descrevem o modo como um personagem se sentia durante *algum tempo*, no passado, e como se sente *agora*, no momento presente. As circunstâncias temporais são essenciais para que a relação contrastiva seja plausível, na medida em que, no contexto, a oposição entre estados afetivos encontra justificativa em diferenças entre as circunstâncias de cada momento: no momento anterior, o indivíduo desfrutava da companhia de familiares, ao passo que, no momento posterior, as circunstâncias são diferentes, caracterizando-se pela ausência da família. Em (20), ambas as orações tratam do método utilizado para a fragmentação do cânhamo, cada uma descrevendo o método aplicado em determinado intervalo de tempo. A oposição entre realizar o processo manualmente e através de um moinho está entrelaçada com a oposição entre tempos. Em (22), por sua vez, está em jogo o comportamento do locutor em relação a uma mesma situação, mas em diferentes períodos de tempo, de modo que a oposição temporal é fundamental para a legitimidade do contraste entre os EsCos. Os exemplos mostram, assim, que, nos contextos em análise, apesar de já existirem jutores contrastivos tornando explícito o significado alvo, *agora* e *now* ainda têm papel importante para sua expressão, por estarem

entre os elementos contextuais que fomentam a relação sequencial, que, por sua vez, é um dos componentes da relação contrastiva.

Em (21) e (23), construções em que a relação coordenativa está sinalizada pelos juntores *e* (português) e *and* (inglês), a interpretação de contraste é mais dependente do contexto pelo fato de que tais juntores não têm semântica contrastiva, sendo juntores multifuncionais que, a depender de traços contextuais, são habilitados à expressão de contraste. Em (21), a chave para a leitura contrastiva, a partir da relação temporal, está nos nomes *hereses* e *cristãos*, que, sobretudo no contexto religioso, são concebidos como instâncias de oposição. Considerando os objetivos de catequização dos índios, é provável que entrem na constituição do contraste atitudes avaliativas em relação à mudança de hereses para cristãos, que pode ser compreendida como uma espécie de progresso.

Em (23), observa-se um contexto, muito produtivo nos dados, em que o intervalo de tempo anterior é codificado por uma oração com valor adverbial (*when I was working full time*). As inferências de oposição podem ser evocadas sobretudo a partir dos termos *stressed* e *relaxed*, que, atuando como enunciadores lexicais, veiculam significados socialmente concebidos como contrastivos. Verifica-se, nesse exemplo, paralelismo semântico e morfossintático, traço dos contextos polissêmicos que se mostrou frequente nos dados, em todos os padrões de polissemia. Diversos estudos mostram a presença de paralelismos como um traço contextual favorável à emergência de contraste por oposição semântica (cf., por exemplo, LONGHIN, 2016; LONGHIN; SONCIN, 2018; MAURI; RAMAT, 2012), já que essa nuance se baseia em pares de opostos semânticos que tendem a ser dispostos de maneira paralela em cada oração (LAKOFF, 1971). No exemplo, os paralelismos estão na presença de orações semanticamente equivalentes no início de ambos os segmentos coordenados (*when I was working full time* e *being part time*) e na constituição das orações nucleares de cada segmento, que contêm o mesmo sujeito (*I*), o mesmo verbo (*be*, com diferentes flexões em cada segmento para a codificação da sequencialidade) e sintagmas adjetivais similares, que se iniciam pelo mesmo advérbio intensificador (*so*) e que têm como núcleo nomes pertencentes ao mesmo campo semântico (*stressed* e *relaxed*).

Na construção em (24), em que a coordenação se estabelece por justaposição e, portanto, o contraste é altamente pragmático, o paralelismo é traço fundamental no contexto para a emergência de inferências de

oposição. Ambas as orações justapostas exibem o mesmo sujeito (*he*), a mesma forma verbal (*live*, com diferentes flexões contribuindo para marcação de tempo sequencial) e complementos circunstanciais de significado locativo, que se configuram nos principais elementos do contexto que evocam inferências do significado alvo (*next door to me X in our parish*).

Em um último tipo de contexto polissêmico encontrado nos dados, que configura o **padrão polissêmico IV**, identifica-se, como já mencionado, o maior conjunto de condições semântico-pragmáticas e morfossintáticas para o desenvolvimento de *agora* e *now* como jutores contrastivos, na medida em que há uma condição ainda mais propícia à reanálise categorial: *agora* e *now* encabeçam o segundo membro da relação coordenativa e, portanto, ocupam a posição típica de juntor. Do ponto de vista do significado, as inferências de contraste emergem, assim como nos padrões anteriores, da conjugação de uma relação de sequencialidade temporal com outros traços contextuais que levam à interpretação de opostos semânticos, instaurando-se polissemia entre tempo e contraste em uma construção coordenada. De (25) a (28), observam-se exemplos representativos.

- (25) Noutro tempo ninguém se retirava dos amigos, sem que dissesse adeus. **Agora** é moda sairmos dos congressos em segredo. (POCC18:2, 44, C2)
- (26) Os teus ataques me honram muito. O senhor Torteroli tambem não te vê. Quando elle corrigia os teus escriptos era bom. **Agora** o despresou, é bandalho. Ladra rafeiro, que nenhum homem de bem te ouve. (CAPP19:2, 148, C2)
- (27) Gonzallo. I remember You did supplant your Brother.
Prospero. True: And looke how well my Garments sit vpon me, Much feater then before: My Brothers seruant's Were then my fellowes, **now** they are my men. (PTTT17:1, 228)
Gonzallo. Eu lembro que você realmente suplantou seu irmão.
Prospero. Verdade: E olhe como minhas roupas ficam bem em mim, muito melhores do que antes: Os servos de meu irmão eram meus companheiros, agora eles são meus homens.

(28) Corrig Myles, you have come down in the world lately; a year ago you were a thriving horse-dealer, **now** you are a lazy, ragged fellow. (PTCB19:2, 129)

Corrig Myles, você decaiu no mundo ultimamente; um ano atrás você era um próspero comerciante de cavalos, agora você é um sujeito preguiçoso, maltrapilho.

Em (25), as orações relacionadas focalizam comportamentos a partir de um mesmo viés: a maneira de se retirar de encontros com amigos. Esse é o integrador comum (LANG, 2000) que subjaz a relação de coordenação em foco. O que está em oposição são tanto comportamentos quanto intervalos temporais. As inferências de oposição semântica, nessa construção, são fortemente baseadas no contexto pragmático, referente às práticas sociais. É importante observar a contribuição dos paralelismos presentes na construção para a interpretação contrastiva. Ambas as orações se iniciam com expressões adverbiais que abrem o quadro temporal em que cada comportamento é observado (*noutro tempo/agora*). Embora as formas verbais não sejam as mesmas, seus significados pertencem ao mesmo campo semântico e têm como argumento sintagmas que fazem referência a encontros entre pessoas (*dos amigos/dos congressos*). Ambas contêm, ainda, expressões adverbiais que exprimem o modo de se retirar dos eventos (*sem que dissesse adeus/em segredo*).

Em (26), os paralelismos têm novamente papel relevante. São colocadas em oposição atitudes avaliativas de um indivíduo em diferentes intervalos de tempo. As orações que iniciam cada segmento coordenado têm valor temporal e apresentam circunstâncias que justificam cada avaliação. Em cada segmento, segue as circunstâncias temporais a atitude avaliativa do indivíduo em pauta. A correspondência entre as formas verbais é mais um aspecto de paralelismo, e os nomes *bom* e *bandalho* evocam pontos de vista, configurando-se, assim, em enunciadores lexicais (DUCROT, 2009). Entram em jogo não apenas as avaliações do indivíduo que está sendo referido pelo locutor, mas também atitudes avaliativas do próprio locutor, que faz um julgamento negativo da mudança de opiniões descrita.

(27) e (28) são construções que habilitam oposições similares, visto que, em ambas, são colocados em contraste estatutos sociais que se modificam de um momento anterior para um momento posterior. Em (27),

a oposição estabelecida entre *fellows* e *men* não indica apenas a mudança da relação social entre os homens em questão e o locutor (de amigos do locutor a seus servos), mas sobretudo a mudança de estatuto social do próprio locutor. A construção exibe paralelismo entre os enunciados em coordenação: os sujeitos são correferenciais, ambos os segmentos apresentam o verbo *be* (sendo suas diferentes flexões em cada segmento, *were* X *are*, fator importante para a relação sequencial) e os predicativos do sujeito são introduzidos por *my*. Os únicos aspectos de distinção entre os dois segmentos residem justamente nos circunstanciais de tempo (*then* X *now*) e nos nomes que caracterizam *my brother's servants* (*fellows* X *men*). Em (28), a oposição no tempo (*a year ago* X *now*) também se alia à oposição entre estatutos sociais (*horse-dealer* X *lazy, ragged fellow*), havendo correspondência entre os sujeitos das orações (*you*) e a forma verbal (*be*).

Nos exemplos (25), (27) e (28), é possível observar que a exclusão de *agora* e *now* implicaria em um comprometimento da relação entre as orações, o que parece representar evidência do papel juntivo dos itens em tais contextos, somado a seu papel adverbial primitivo.

Nesta seção, foram descritos os contextos que disparam polissemia entre tempo e contraste e que são, portanto, substanciais para o desenvolvimento de *agora* e *now* como jutores contrastivos. Verifica-se que, a partir dos contextos correspondentes ao padrão polissêmico II, *agora* e *now* participam de construções que habilitam a interpretação de dois pares de opostos semânticos, um concernente a intervalos temporais, que abrangem sempre um tempo anterior e um tempo posterior, e outro concernente a EsCos, que se associam aos dois intervalos temporais em jogo e se tornam, na construção, instâncias de oposição, via elementos do contexto linguístico e do contexto pragmático. *Agora* e *now* contribuem para o preenchimento de um dos pares da oposição, aquele referente aos intervalos temporais, indiciando sempre o momento posterior da relação sequencial. Apesar dessa característica comum a todos os tipos de contextos polissêmicos, foi possível identificar diferentes padrões do significado temporal-contrastivo, a partir da maior ou menor proximidade dos diferentes tipos em relação aos contextos alvo prototípicos.

4.3 Os contextos contrastivos com *agora* e *now*

Nas construções de contraste prototípicas, os significados temporais de *agora* e *now* são bloqueados pelo arranjo contextual, e apenas uma interpretação em termos de contraste está disponível. Como é típico das manobras contrastivas, segundo Schwenter (1999) e Mauri (2008a), essas construções envolvem uma *comparação*, que evidencia a forte presença da perspectiva do falante/escrevente na formulação de relações contrastivas. Conforme Mauri (2008a, p. 160), essas relações se caracterizam pela combinação de dois EsCos coexistentes com foco em suas propriedades conflitantes, de modo a compará-los pelo viés de suas diferenças. Schwenter (1999, p. 126) concebe contraste como uma noção não estritamente linguística, mas como uma habilidade cognitiva mais geral que alimenta a percepção de diferença entre duas entidades que são comparáveis em alguma dimensão.

A comparação subjacente às relações contrastivas está entrelaçada com outra característica que também é típica das construções de contraste com *agora* e *now* e que fornece pistas acerca de seu modo de composição. Comparações implicam a análise de dois ou mais elementos à luz de um parâmetro comum, a partir do qual semelhanças ou diferenças entre eles são destacadas. Lang (1984, 2000) argumenta que orações coordenadas em geral, o que inclui orações em coordenação contrastiva, compartilham um *integrador comum*, que pode ser entendido como o elo de sentido existente entre as duas orações (cf. seção 2). É à luz desse integrador que, nas construções contrastivas com *agora* e *now*, assim como nas construções contrastivas prototípicas, uma comparação entre EsCos se estabelece.

A nuance contrastiva tradicionalmente conhecida como oposição semântica, conforme Lakoff (1971) e Mauri (2008a), é habilitada pela percepção de alguma incompatibilidade entre os enunciados em relação, indiciada por expressões que, na construção, ganham o estatuto de antônimos semânticos. Lang (2000) apresenta questionamentos à abordagem consensual do contraste por oposição semântica, particularmente no que diz respeito à concepção de que se trata de um contraste fundamentalmente baseado em predicados constituídos de opostos semânticos. O autor postula¹⁰ que predicados antônimos não

¹⁰ Lang (2000) elabora os pressupostos para compreensão de contraste a partir da análise das construções contrastivas com *aber* e com *but*, do alemão e do inglês, respectivamente, correspondentes em português ao juntor *mas*.

são tão decisivos, como em geral se admite, para esse tipo de contraste e argumenta que o fator principal que o sustenta é uma *suposição* que está explícita em contexto prévio ou que pode ser inferida a partir dele. À maneira de Lang, entendo que a formulação de oposição semântica está ancorada em suposições derivadas da percepção e avaliação subjetiva dos falantes/escritores, que concebem relações de oposição, não pré-existentes no mundo real.

Os exemplos (29) e (30) ilustram, respectivamente, as construções de contraste com *agora* e as construções de contraste com *now* que veiculam oposição semântica.

(29) Doc.: [mas] estragô(u) muito as motos?

Inf.: as duas motos ficô(u) qua::se em oitocentos reais a minha e a dele mas a dele do que a minha... que a dele... estragô(u) bem mais a minha só foi a parte da frente que teve que alinhá::(r)... um espelho que teve que trocá::(r)... num foi quase nada só alinhamento e::... uns negocinho da roda... **agora** a dele estragô(u) bastante. (TFII20-2/21, 410, C2)

(30) S2: You used to get all these reprint requests, they've all disappeared because of email and the rest of it?

S1: Most people xerox stuff, **now** I get stuff from overseas.

L2: Você costumava atender a todos os pedidos de reimpressão, eles todos desapareceram por conta do email e de tudo o mais?

L1: A maioria das pessoas tira cópia dos materiais, agora eu os trago do exterior. (UNMI20:2/21)

Em (29), o parâmetro comum da comparação reside em danos causados em veículos envolvidos em um acidente. Esse é, portanto, o integrador comum compartilhado pelas orações em relação, o elo de sentido que legitima a junção. Sob o viés desse integrador comum, configuram-se, a partir da avaliação subjetiva do locutor, dois pares de opostos: a minha X a dele/poucos danos X muitos estragos. Em (30), o integrador comum que é base para a comparação que alimenta o contraste está em maneiras de se obter determinado material de trabalho. Novamente estão em jogo dois pares de opostos: *most people X I e xerox stuff X get stuff from overseas*.

A constatação de um integrador comum a partir do qual uma comparação se consolida, com foco em propriedades conflitantes, é indício de que, em termos das relações de significado, as construções de contraste com *agora* e *now* se aproximam das construções coordenadas. Do ponto de vista da morfossintaxe, essas construções também exibem características que as aproximam da arquitetura estrutural típica de construções coordenadas. Como se observa em (29) e (30), *agora* e *now* mobilizam em tais construções uma estrutura binária, na qual encabeçam o segundo membro da coordenação. Nesse sentido, tanto em termos de forma quanto em termos de significado, as novas construções de contraste com *agora* e *now* parecem estar caminhando em direção a um modo coordenativo de composição, que investigo em outro trabalho.

5 Estágios de mudança à luz dos contextos condicionadores

A seção 4.2 mostrou a diversidade de contextos polissêmicos encontrada nos dados e discutiu a maior ou menor proximidade dos diferentes contextos em relação aos contextos alvo prototípicos. Proponho que os diferentes arranjos contextuais identificados refletem diferentes *estágios de mudança* e que aqueles mais próximos dos contextos alvo correspondem a estágios evolutivos mais avançados. Foi também mostrado que os contextos polissêmicos se desdobram em contextos que fornecem condições apenas para as mudanças de significado e contextos que somam condições morfossintáticas às condições de significado, em conformidade com o modelo de contextos proposto por Diewald (2002). Tendo em vista essa distinção e todos os contextos envolvidos nos percursos de mudança atravessados por *agora* e por *now*, apresento, no Quadro 3, abaixo, uma proposta de reconstrução diacrônica para tais percursos, à luz da correlação entre contextos e estágios evolutivos e dos tipos contextuais sugeridos pelo modelo da autora.

QUADRO 3 – Estágios evolutivos das mudanças atravessadas por *agora* e *now*

Tipo contextual	Estágio	Características	Exemplo
Contextos originais	_____	<i>Agora</i> e <i>now</i> atuam como advérbios circunstanciais que expressam relações temporais entre EsCos e o momento da enunciação, podendo ocupar diferentes posições sentenciais.	Essa fortuna devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondência; e, porque agora falamos de amor, escuta, Filena, a frase das melhores expressões. (18:1) His wife interested me somewhat: in face and in character she reminded me of one who now lies beneath the ground. (19:1)
Contextos <i>untypical</i>	Estágio I	O contexto maior de que <i>agora</i> e <i>now</i> fazem parte habilita inferências sutis de desigualdade entre um EsCo que ocorre no momento referido pelos itens e um EsCo ocorrido em momento anterior. Apenas um dos EsCos está localmente codificado.	Maldito de todos os diabos, agora estás mudo? Dize-lhe alguma cousa, com que se desenfade e se alegre. (18:1) I'm now a Lady indeed. A fine House, fine Cloaths, and Servants to command. And this Sir John is the finest, handsomest Gentleman. (18:1)
	Estágio II	O contexto dispara inferências de contraste entre dois EsCos explícitos na construção linguística de que <i>agora</i> e <i>now</i> fazem parte. Configura-se uma relação de sequencialidade temporal entre os dois EsCos, e elementos do contexto (tais como enunciadores lexicais) indiciam oposição entre eles.	Esta jovem cheia de encantos, que a pouco vos atrahia pela sua modestia, por suas maneiras doces, mas, graves, e reportadas, por certo acanhamento pudibundo, e por isso mais gracioso, agora a vereis desgranhada, como huma Bachante, destemida como huma furia (...). (19:1) And Dolabella, who was once his friend, Upon some private grudge, now seeks his ruin. (17:2)

Contextos <i>critical</i>	Estágio III	A polissemia entre tempo e contraste se manifesta através de uma relação coordenativa entre as orações que expressam os EsCos em relação sequencial, de modo que há ganhos semântico-pragmáticos, pois <i>agora</i> e <i>now</i> ajudam a constituir uma relação de oposição baseada em um integrador comum, e ganhos morfossintáticos, uma vez que participam de uma estrutura binária e paratática, ocupando nessa estrutura o segundo membro da coordenação, que é justamente o mais decisivo nas manobras contrastivas.	A amizade e o amor o acompanharão e sustiverão algum tempo; mas agora longe de sua casa e de seus irmãos, sentiu-se em um ermo. (19:2) When I was working full time even with my child at home just the frustration of getting home I was so stressed with work and now being part time I'm so much more relaxed. (20:2/21)
	Estágio IV	O contexto, assim como o anterior, apresenta o significado temporal-contrastivo expresso em construção coordenada, mas há aqui uma condição singular para as mudanças: <i>agora</i> e <i>now</i> não só integram o segundo membro coordenado, mas também o encabeçam, ocupando a posição típica de juntores. Trata-se, portanto, do contexto mais favorável à reanálise semântico-categorial.	Noutro tempo ninguém se retirava dos amigos, sem que dissesse adeus. Agora é moda sairmos dos congressos em segredo. (18:2) My Brothers seruant's Were then my fellowes, now they are my men. (17:1)
Contextos <i>isolating</i>	Estágio V	Passam a existir contextos que bloqueiam a leitura temporal e são compatíveis apenas com o novo significado (oposição semântica). Esses contextos coexistem com os contextos originais, de modo que se configuram restrições contextuais específicas para significado fonte e para significado alvo.	Agora como na época do inverno a gente consegue, vamos assim dizer, que a orquídea pegue, agora a flor, muito raro, é muito difícil, inclusive pela doença e pela formiga também. Most people xerox stuff, now I get stuff from overseas.

Como discutido, a identificação de quatro tipos de contextos polissêmicos, conforme expostos em 4.2, sugere que desempenham diferentes papéis nas mudanças de *agora* e de *now*, a depender de suas propriedades de forma e de significado. Considerando a questão maior

deste trabalho, que está em reunir evidências do papel dos contextos e da polissemia no processo de constituição de novos juntores contrastivos, foi apurada a frequência longitudinal dos contextos de polissemia correspondentes aos estágios II, III e IV, conforme o Quadro 3, que são aqueles que contêm dois EsCos, explícitos na construção, em relação de sequencialidade, com elementos que disparam inferências de oposição entre eles. Vimos que há uma gradualidade entre tais contextos em termos de maior peso para as mudanças, do ponto de vista qualitativo. A apuração de sua frequência longitudinal buscou analisar se também é possível identificar aqueles que teriam maior peso nas trajetórias do ponto de vista quantitativo, no sentido de que, sendo mais frequentes ao longo do tempo, teriam sido mais favoráveis à associação de *agora* e *now* com o novo significado. A Tabela 5 e a Tabela 6 apresentam, respectivamente, a frequência dos contextos correspondentes aos estágios II, III e IV na trajetória de *agora* e a frequência de tais contextos na trajetória de *now*.

TABELA 5 – Frequência longitudinal dos estágios contextuais favoráveis à emergência das construções de contraste com *agora*

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Estágio II	10/17 (58,8%)	11/37 (29,7%)	7/15 (46,7%)	11/24 (45,8%)	08/44 (18,2%)	10/48 (20,8%)
Estágio III	5/17 (29,4%)	09/37 (24,3%)	3/15 (20%)	6/24 (25%)	20/44 (45,4%)	14/48 (29,2%)
Estágio IV	2/17 (11,8%)	17/37 (46%)	5/15 (33,3%)	7/24 (29,2%)	16/44 (36,4%)	24/48 (50%)

TABELA 6 – Frequência longitudinal dos estágios contextuais favoráveis à emergência das construções de contraste com *now*

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/ XXI
Estágio II	2/16 (12,5%)	4/24 (16,7%)	3/10 (30%)	3/12 (25%)	6/20 (30%)	1/12 (8,3%)	1/9 (11,1%)	5/22 (22,7%)
Estágio III	11/16 (68,7%)	19/24 (79,2%)	5/10 (50%)	9/12 (75%)	10/20 (50%)	9/12 (75%)	7/9 (77,8%)	14/22 (63,7%)
Estágio IV	3/16 (18,8%)	1/24 (4,1%)	2/10 (20%)	0/12 (0%)	4/20 (20%)	2/12 (16,7%)	1/9 (11,1%)	3/22 (13,6%)

Verifica-se nas tabelas que, em ambas as trajetórias, os três estágios contextuais em pauta estão presentes em todos os estados de língua analisados. Isso revela que a gradualidade atestada entre eles não é acompanhada por uma progressão temporal, isto é, não há correspondência entre estágios contextuais polissêmicos e intervalos de tempo particulares. No percurso de *agora*, é notável um aumento importante dos contextos *critical* associados ao estágio IV (os que reúnem maior conjunto de condições para as mudanças) de XVIII-1 para XVIII-2. A partir de XVIII-2, entretanto, a frequência de tais contextos é bastante variável. São também variáveis as frequências dos contextos associados aos estágios II e III, nessa trajetória. Já no percurso de *now*, apesar de também haver alta variabilidade nas frequências dos três estágios contextuais, é possível observar uma regularidade: em todas as sincronias, o tipo contextual mais frequente é aquele associado ao estágio III, que já apresenta a polissemia tempo/contraste expressa a partir de relações coordenativas.

Levando-se em consideração que os padrões polissêmicos III e IV são similares, já que ambos se caracterizam por *agora* e *now* participando de construções coordenadas que veiculam tempo/contraste, distinguindo-se apenas pela posição inicial de *agora* e *now* no padrão IV, delineia-se uma via de análise que permite propor hipóteses explicativas sobre o papel dos contextos na emergência de construções de junção contrastiva com *agora* e *now*. Agregando as frequências dos contextos correspondentes aos estágios III e IV, conforme as Tabelas 7 e 8, abaixo, constata-se um importante fato de mudança: os contextos *critical* (estágios III e IV) são mais frequentes do que os contextos *untypical* (estágio II) ao longo do tempo em ambos os percursos de mudança.

TABELA 7 – Frequência dos contextos *untypical* e *critical* na trajetória de *agora*

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/ XXI
<i>Untypical</i> (estágio II)	10/17 (58,8%)	11/37 (29,7%)	7/15 (46,7%)	11/24 (45,8%)	10/44 (22,7%)	11/48 (22,9%)
<i>Critical</i> (estágios III e IV)	7/17 (41,2%)	26/37 (70,3%)	8/15 (53,3%)	13/24 (54,2%)	34/44 (77,3%)	37/48 (77,1%)

TABELA 8 – Frequência dos contextos *untypical* e *critical* na trajetória de *now*

	XVII-1	XVII-2	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/ XXI
<i>Untypical</i> (estágio II)	2/16 (12,5%)	4/24 (16,7%)	3/10 (30%)	3/12 (25%)	6/20 (30%)	1/12 (8,3%)	1/9 (11,1%)	5/22 (22,7%)
<i>Critical</i> (estágios III e IV)	14/16 (87,5%)	20/24 (83,3%)	7/10 (70%)	9/12 (75%)	14/20 (70%)	11/12 (91,7%)	8/9 (88,9%)	17/22 (77,3%)

Como mostram as tabelas, na trajetória de *agora*, apenas no primeiro estado de língua analisado os contextos *untypical* têm frequência maior do que os contextos *critical*. Já na trajetória de *now*, em todos os estados de língua, os contextos *critical* têm frequência consideravelmente maior.

Diante disso, entendo que os percursos de mudança experimentados por *agora* e *now* mostram uma via diferente para a generalização das inferências do novo significado. Conforme sinalizado na seção 4, estudos empíricos verificam que um aumento dos contextos polissêmicos em geral tende a estar associado à generalização de inferências e propagação do novo significado na comunidade linguística. Nas mudanças de *agora* e *now*, conforme vimos nas Tabelas 3 e 4 e nos Gráficos 1 e 2, não se observam picos significativos dos contextos polissêmicos em geral, de modo que parece ter maior peso, nessas instâncias, a constância da polissemia ao longo do tempo. Para além disso, o desdobramento dos contextos de polissemia encontrados nos dados em diferentes tipos de padrões polissêmicos, aliado à análise da frequência longitudinal dos tipos mais relevantes para as mudanças (II, III e IV), sugere que, nos processos aqui investigados, têm maior peso, tanto de um ponto de vista qualitativo quanto quantitativo, os contextos que aliam fatores semântico-pragmáticos favoráveis às mudanças a fatores morfossintáticos. As evidências mostradas pelos dados, portanto, vão ao encontro da hipótese formulada por Traugott (2012) de que, em processos de gramaticalização, têm maior relevância contextos que agregam condições pragmáticas, semânticas e estruturais.

Considerações Finais

À luz da análise das mudanças experimentadas pelas construções com *agora* e pelas construções com *now*, é relevante retomar as questões de pesquisa que nortearam o trabalho. A questão maior esteve em reunir evidências do papel dos contextos e da polissemia no processo de constituição de novos juntores contrastivos. As mudanças atravessadas por *agora* e *now*, conforme o que mostram os dados investigados, ao corroborarem Traugott (2012), sugerem um papel singular dos contextos de polissemia no processo de constituição de novos juntores contrastivos: se esse processo envolve gramaticalização, é mais provável que tenham maior peso, qualitativa e quantitativamente, os contextos que fornecem tanto condições para a emergência de inferências de contraste quanto condições para a reanálise categorial do item em mudança como juntor.

No âmbito dessa questão maior, três questões mais específicas foram perseguidas ao longo do trabalho (cf. seção 1). Para a questão (1), que buscou respostas para como os contextos favoreceram o desenvolvimento de construções de contraste similares no português e no inglês, a análise mostrou que, em ambas as línguas, atuaram tipos contextuais similares e que, dentre eles, em ambas as trajetórias tiveram maior peso, tanto qualitativa quanto quantitativamente, contextos que não apenas dispararam inferências de oposição semântica, mas que também favorecem a reorganização morfossintática de toda a construção de que *agora* e *now* participam em uma construção coordenada e a reanálise de *agora* e *now* como juntores contrastivos.

Para a questão (2), que buscou reconhecer aspectos de singularidade do significado fonte que teriam sido decisivos para a emergência, particularmente, da nuance de oposição semântica, os dados mostraram que se alia a outros traços contextuais e alimenta inferências de oposição a nuance de sequencialidade temporal, em ambos os percursos de mudança. A relação sequencial entre EsCos instaura uma oposição entre tempos, que é acompanhada pela oposição entre os EsCos. Isso pode contribuir para maior compreensão das similaridades entre arranjos contextuais que levaram a trajetórias de mudança similares. Traugott e Dasher (2002, p. 17) postulam que, se línguas diferentes compartilham estruturas conceituais similares,¹¹ inferências convidadas

¹¹ Os autores definem estruturas conceituais como estruturas de significado altamente abstratas e relativamente estáveis na espécie humana (tais como MOVIMENTO, LUGAR, TEMPO, CONDIÇÃO) (TRAUGOTT; DASHER, 2002, p. 7).

similares podem surgir. Nesse sentido, proponho que o fato de tanto *agora* como *now* estarem com frequência, em suas respectivas línguas, associados a estruturas conceituais de tempo similares (conforme a seção 4, que mostrou que ambos são amplamente utilizados em relações de sequencialidade temporal, sempre fazendo referência a um momento posterior) contribui para a configuração de contextos similares, que são gatilho para inferências convidadas de oposição semântica e, conseqüentemente, para a associação de ambos a essa nuance contrastiva. Dessa forma, o significado temporal que alimentou as mudanças também ajuda a compreender, no âmbito da questão (1), a contribuição dos contextos para a emergência de construções de contraste similares.

Por fim, para a questão (3), o trabalho mostrou que estágios evolutivos similares se delineiam a partir dos contextos atuantes em cada trajetória e que, em ambos os percursos, todos os estágios de polissemia estão presentes em todos os estados de língua analisados, não havendo correlação entre estágios contextuais e intervalos de tempo particulares. Em ambas as histórias de mudança, foram atestados cinco estágios evolutivos, distribuídos em contextos *untypical*, *critical* e *isolating*, em conformidade com o modelo de contextos proposto por Diewald (2002).

Nessa perspectiva, o trabalho aponta para um outro papel da frequência de uso na mudança e, por consequência, para uma outra via de generalização do novo significado. Para além do aumento expressivo da frequência dos contextos polissêmicos em geral, há também evidências, nas instâncias que foram investigadas, do favorecimento da generalização a partir da constância, ao longo de vários estados de língua, de tipos polissêmicos específicos, aqueles que condicionariam a gramaticalização propriamente dita.

Referências

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010. Doi: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CULICOVER, P.; JACKENDOFF, R. Semantic Subordination Despite Syntactic Coordination. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 28, n. 2, p. 195-217, 1997.

DIEWALD, G. A Model for Relevant Types of Contexts in Grammaticalization. In: WISCHER, I. (ed.). *New Reflections on Grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 2002. Doi: <https://doi.org/10.1075/tsl.49.09die>

DUCROT, O. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix; 1977.

DUCROT, O. *Slovenian Lectures: Introduction into Argumentative Semantics*. Ljubljana: Pedagoški inštitut, 2009. Doi: <https://doi.org/10.32320/978-961-270-014-0>

FERRARI, L. *O papel dos contextos nas mudanças por gramaticalização e subjetivização: um estudo diacrônico das construções com ‘agora’ e ‘now’*. 2018. 249 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

HAIMAN, J. *Natural Syntax: Iconicity and Erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HEINE, B. *et al. Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. On the Role of Context in Grammaticalization. In: WISCHER, I. (ed.). *New Reflections on Grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. Doi: <https://doi.org/10.1075/tsl.49.08hei>

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Doi: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139165525>

KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. New York: Oxford University Press, 1997. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783110812428>

LAKOFF, R. If’s And’s and But’s about conjunction. In: FILLMORE, C.; LANGEDOEN, D. (ed.). *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

LANG, E. *The Semantics of Coordination*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984.

LANG, E. Adversative Connectors on Distinct Levels of Discourse: A Re-Examination of Eve Sweetser's Three-Level Approach. In: COUPER-KUHLEN; E, KORTMANN, B. (ed.). *Cause, Condition, Concession, Contrast: Cognitive and Discourse Perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 235-256. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783110219043.3.235>

LEHMANN, C. Towards a Typology of Clause Linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225. Doi: <https://doi.org/10.1075/tsl.18.09leh>

LONGHIN, S. R. Emergência de juntores contrastivos na história do português: contexto, polissemia e subjetivização. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 18, p. 263-299, 2016. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v18i2p263-299>

LONGHIN, S. R.; SONCIN, G. Da subordinação à coordenação: evidências pragmáticas, prosódicas e sintáticas. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, [S.l.], v. 32, p. 175-199, 2018.

MAURI, C. The Parallelisms of Clausal Coordination. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, Orleans, França, v. 24, p. 145-175, 2008a.

MAURI, C. *Coordination Relations in the Languages of Europe and Beyond*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008b. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783110211498>

MAURI, C.; RAMAT, A. G. The Development of Adversative Connectives: Stages and Factors at Play. *Linguistics*, Jena, Alemanha, v. 50, n. 2, p. 191-239, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1515/ling-2012-0008>

QUIRK, R. *et al.* *A Comprehensive Grammar of the English Language*. New York: Longman, 1985.

RAMAT, A. G.; MAURI, C. The Grammaticalization of Coordinating Interclausal Connectives. In: NARROG, H.; HEINE, B. (ed.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. Doi: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199586783.013.0054>

SCHWENTER, S. *Pragmatics of Conditional Marking: Implicature, Scalarity, and Exclusivity*. London: Routledge, 1999.

SCHWENTER, S. Viewpoints and Polysemy: Linking Adversative and Causal Meanings of Discourse Markers. In: COUPER-KUHLER, E.; KORTMANN, B. (ed.). *Cause, Condition, Concession, Contrast: Cognitive and Discourse Perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783110219043.3.257>

TRAUGOTT, E. The Role of the Development of Discourse Markers in a Theory of Grammaticalization. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 12., 1995, Manchester. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/c152/3d292a9bc97b4bcc08a9d3cadee5de02cf12.pdf?_ga=2.8587766.298324844.1565637669-1719317588.1565637669. Acesso em: 11 mar. 2016.

TRAUGOTT, E. Dialogic Contexts as Motivations for Syntactic Change. In: CLOUTIER, R.; HAMILTON-BREHM, A. M.; KRETZSCHMAR, W. (ed.) *Variation and Change in English Grammar and Lexicon*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783110220339.1.11>

TRAUGOTT, E. The Status of Onset Contexts in Analysis of Micro-Changes. In: KYTÖ, M. (ed.) *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam; New York: Editions Rodopi B., 2012. p. 221-255. Doi: https://doi.org/10.1163/9789401207935_012

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. Doi: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486500>